

FUVEST 1989 – Segunda fase – Português (11/01/1989)

Um Pé de Milho

Sou um ignorante, um pobre homem de cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro — e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais — mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua — não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram no chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. Detesto comparações surrealistas — mas na glória de seu crescimento, tal como o vi em uma noite de luar, o pé de milho parecia um cavalo empinado, as crinas ao vento — e em outra madrugada parecia um galo cantando.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendou. Há muitas flores belas no mundo, e a flor de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem. É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto de terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

Dezembro, 1945.
(Rubem Braga)

01 O cronista afirma que nunca tinha visto um pé de milho; no entanto, andara por milharais sem conta.

Há contradição em suas palavras? Esclareça o problema.

Resolução

As palavras do narrador parecem contraditórias, mas na verdade não o são, pois “os milharais sem conta” por onde andara passaram-lhe despercebidos, em seu caráter genérico, impessoal. Já o pé de milho que vê pela primeira vez reveste-se de outra conotação: revela uma descoberta, uma experiência singular, um evento que o marca emocionalmente, humanamente e que por isso se torna algo especial em sua vida.

02 “... aconteceu o que era inevitável...”

- Diga que evento é classificado como “inevitável”.
- Por que o cronista o considera como tal?

Resolução

- O evento classificado como inevitável é o florescimento do pé de milho, o seu crescimento, como se fosse um “pendão”.
- O cronista considera inevitável o florescimento do pé de milho pelo ciclo natural de desenvolvimento dos vegetais e também pela força de “ser vivo e independente” que percebera nele, embora espremido em um canteiro, numa esquina de rua.

03 No início do texto, o cronista se diz “pobre”; no final, afirma-se “rico”.

Confronte as duas asserções e interprete as idéias trazidas ao texto por esses adjetivos.

Resolução

No início do texto a afirmação do cronista de que é “um pobre homem da cidade” pode ser compreendida se pensarmos na vida impessoalizada e medíocre que leva, a qual relacionamos com o contexto urbano e com a monotonia, a artificialização da existência que provoca. No final, a afirmação de que se tornou um homem rico, “um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos”, demonstra exatamente o quanto a descoberta do pé de milho significou para ele. Através do reconhecimento da beleza de uma flor de milho, na verdade reconhece a beleza de sua própria vida, redescobre-a em seu encanto, em sua dimensão poética. Vale acrescentar que a natureza é o agente do enriquecimento existencial do cronista.

04

- Interprete a importância que o pé de milho adquire na vida do cronista.
- Transcreva do texto uma frase que justifique sua resposta.

Resolução

- O pé de milho adquire importância fundamental na vida do cronista por permiti-lo redescobrir-se “um ser livre e independente” como ele. Assim, pode transformá-la de algo monótono, impessoal, entediado em algo poético, que enriquece sua sensibilidade e lhe proporciona, através de “um belo gesto da terra”, a reconquista da beleza da própria existência.
- “Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido junto do portão, numa esquina de rua — não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente”.

Outra frase poderia ser: “É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza”.

05 “... como o vi em uma noite de luar...”

- Reescreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.
- Indique a função sintática do pronome de 3ª pessoa na frase original e na transformada.

Resolução

- Como ele foi visto por mim em um noite de luar.
- Na frase original: **o** → objeto direto.
Na frase transformada: **ele** → sujeito.

06 “... e a flor de milho não será a mais linda.” (2º §)

- Explique o valor do futuro do presente nessa frase. Reescreva-a substituindo a forma verbal por uma expressão equivalente.
- Lembre dois outros empregos do futuro do presente. Dê exemplos e esclareça o valor de cada um deles.

Resolução

- Ao empregar a forma de futuro — **será** — o narrador expressa uma atitude de certeza, de convicção, ou seja, ele quer dizer que tem plena consciência de que a flor de milho não é a mais bonita que existe.

Substituindo a referida forma verbal por uma expressão equivalente, tem-se por exemplo: "...e é claro que a flor de milho não é a mais linda" ou então "... e a flor de milho, tenho certeza, não é a mais linda" (Obs: há várias outras possibilidades de resposta).

b) O futuro do presente pode expressar:

- Um fato que se realizará depois do ato da fala (exemplo: O jogo será no domingo).
- Uma ordem, isto é, um imperativo (ex. Não roubarás.)
- Uma idéia de presente, em frases como: Onde estarão atualmente meus velhos amigos? (estarão = estão)
- Um hipótese (ex.: Ele é bem idoso, terá uns 60 anos)

07 A oração a que pertence o verbo **encantar** (2ª S) é introduzida pela conjunção **mas**, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo **que** faz dela uma subordinada. Como você pode esclarecer essa dualidade?

Resolução

O período: "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou.." pode ser desdobrado da seguinte forma:

- I. Aconteceu o que era inevitável
or. principal or. subord. adjetiva
- II. Aconteceu o (...) que nos encantou
or. principal or. subordin. adjetiva
- III. ... era inevitável, mas (que) nos encantou
or. coordenada or. coordenada

Ou seja, a oração destacada tem realmente dupla classificação: ela é **coordenada** em relação à oração "era inevitável" e **subordinada** em relação à oração "Aconteceu o" (convém observar que as duas orações adjetivas referem-se ao pronome o [=aquilo]).

08 "Mas aquele pendão..."
Suponha que o início desse período seja: "Mas aqueles...". Reescreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

Resolução

Mas aqueles pendões firmes, verticais, beijados pelo vento do mar, vieram enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem.

09 No decênio de 1930 houve uma renovação do romance brasileiro de tema regional, que passou de descritivo e sentimental a crítico e realista.

- a) Lembre um romance que pode exemplificar essa renovação. Justifique sua escolha com elementos desse romance.
- b) A obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, está na gênese dessa transformação. Por quê?

Resolução

- a) "São Bernardo", de Graciliano Ramos, exemplifica a renovação do romance brasileiro, de tema regional, no decênio de 1930. A escolha dessa obra justifica-se, dentre outros motivos, pela universalidade que dá a questões de caráter aparentemente apenas regionalista. Seu protagonista é Paulo Honório, ao mesmo tempo um matuto nordestino e um capitalista selvagem, cuja travessia em direção à posse da fazenda onde trabalhara como escravo mostra de forma crítica o processo de desumanização pelo qual passa. Esse processo o faz coisificar as pessoas, escravizando-as e destruindo-as, até transformar-se em vítima do próprio autoritarismo: um homem solitário e amargo.
- b) "Os Sertões" de Euclides da Cunha, está na gênese dessa transformação na medida em que denuncia a contradição entre o Brasil litorâneo, civilizado e cosmopolita e o Brasil sertanejo — miserável, anacrônico e primitivo — desconhecido pelo primeiro e sem condições mínimas de sobrevivência.

10 "Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeira e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros."

- a) É possível considerar o texto como uma apologia do Realismo? Justifique sua resposta.
- b) Que tem o Romantismo brasileiro a ver com a Idade Média? Exponha seu ponto de vista a respeito do problema.

Resolução

- a) O texto pode ser considerado como uma apologia implícita do Realismo, se percebermos o modo pelo qual resgata e ironiza elementos da literatura romântica. A idealização do herói e da Idade Média constituem alguns desses elementos, aos quais se soma o tom apologético (de exaltação) do Romantismo, que o texto ridiculariza, identificando-o com o passado. A ironia de que o narrador se utiliza ao "se compadecer" de herói romântico, envelhecido e desgastado, e colocá-lo no presente, momento do Realismo, parece ser o recurso que permite ao narrador fazer o único tipo possível de "apologia" neste estilo: uma apologia não exaltadora, mas, ao contrário, em tom crítico e irônico.
- b) O Romantismo brasileiro transforma a Idade Média no cenário da idealização que faz do índio, dando-lhe características dos cavaleiros medievais. Assim, utiliza-se de elementos do Romantismo europeu para criar um passado heróico e um símbolo da nacionalidade através dos quais pudesse despertar o sentimento de pátria, fundamental naquele momento histórico (a Independência).

11

- a) No início do romance *O Primo Basílio*, Jorge assume uma posição bem definida em relação à mulher adúltera. Qual era essa posição e que incidente o levou a externá-la?
- b) A posição final de Jorge diante da traição da esposa é coerente com seu pronunciamento inicial? Comente o comportamento de Jorge.

Resolução

- a) A posição de Jorge no início do romance é radical e violentamente contra a mulher adúltera, a quem ele afirma merecer a morte.

Tal posição se revela quando Jorge está discutindo uma peça de teatro escrita por Ernestinho, amigo dele e de Luísa, sua esposa, o qual demonstra preocupação com o desfecho da obra, cuja temática é o adultério.

- b) No final do romance, a posição de Jorge perante o adultério de Luísa não é coerente com o pronunciamento comentado no item anterior. Isto porque o personagem tem uma personalidade passiva, complacente, incapaz de violência, o que o leva a perdoar a esposa, quando ela está prestes a morrer.

12 Dê argumentos que permitam considerar o Padre Antônio Vieira como um expoente tanto da Literatura Portuguesa quanto da Literatura Brasileira.

Resolução

O Padre Antônio Vieira, maior orador sacro em língua portuguesa do século XVII, constitui um exemplo da prosa barroca em Portugal e no Brasil já que, tendo vivido na colônia e na metrópole, escreveu sermões engajados nas realidades de ambas, discutindo seus problemas específicos, como o da recusa dos índios à escravidão, que defendeu, e o da não aceitação dos judeus convertidos, os cristãos-novos, pela coroa portuguesa, cuja postura criticou. Vieira torna-se, assim, expoente de ambas as literaturas, pela inteligência de sua argumentação e pelo brilhantismo na arquitetura de sua linguagem conceptista.

REDAÇÃO

Tema

*Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.*

Discuta as idéias contidas nos versos acima, confrontando-as com o momento que vivemos hoje no Brasil.

Comentário sobre o tema

Proposta de dissertação a partir de um fragmento de poema (Mar português) de Fernando Pessoa. Tema filosófico, de visão sobre o mundo e a vida que se vive. É importante observar que nos versos existe uma proposição **condicional**, uma condição: A se B. É preciso discutir as duas idéias (Tudo vale a pena; a alma não é pequena) e a relação entre elas (Tudo vale a pena se a alma não é pequena).

Também é importante ler com atenção o enunciado: ele pede que as idéias contidas nos dois versos sejam confrontadas com o “momento que vivemos hoje no Brasil”. Torna-se necessário, assim, relacionar o tema filosófico universal com a realidade brasileira de nossos dias.

Comentário da redação nota 10

Esta é uma redação de alta qualidade, muito superior à média dos textos nota 10 que a Fuvest tradicionalmente divulga depois de cada vestibular.

Observe que no primeiro parágrafo há a exposição da tese, do ponto de vista, logo na primeira frase: “Nós somos do tamanho dos nossos sonhos”, ou seja, a alma é do tamanho dos seus sonhos, se ela sonha e luta por eles, ela é grande, e a vida vale a pena. Em seguida, há três referências literárias e filosóficas, três metáforas, três símbolos apresentando o sonhador: o sebastianista, o navegador e o d. Quixote. No segundo parágrafo, o texto discute a permanência do sonho, do sentido épico da vida, apesar de tudo. E, a seguir, no terceiro parágrafo, retoma os três símbolos, as três metáforas. O quarto e o quinto parágrafos apresentam cinco exemplos de sonhos, de projetos, de esperanças. O último parágrafo faz a conclusão, reafirmando a tese: nada vale a pena, se a alma é mesquinha e pequena.

Redação nota 10

Sonhar é preciso

Nós somos do tamanho dos nossos sonhos. Há, em cada ser humano, um sebastianista louco, vislumbrando o Quinto Império; um navegador ancorado no cais, a idealizar “mares nunca dantes navegados”; e um obscuro D. Quixote de alma grande que, mesmo amesquinhado pelo atrito da hora áspera do presente, investe contra seus inimigos intemporais: o derrotismo, a indiferença e o tédio.

Sufocado pelo peso de todos os determinismos e pela dura rotina do pão-nosso-de-cada-dia, há em cada homem um sentido épico da existência, que se recusa a morrer, mesmo banalizado, manipulado pelos veículos de massa e domesticado pela vida moderna.

É preciso agora resgatar esse idealista que ocultamente somos, mesmo que D. Sebastião não volte, ainda que nossos barcos não cheguem a parte alguma, apesar de não existirem sequer moinhos de vento.

Senão teremos matado definitivamente o santo e o louco que são o melhor de nós mesmos, senão teremos abdicado dos sonhos da infância e do fogo da juventude; senão teremos demitido nossas esperanças.

O homem livre num universo sem fronteiras. O nordeste brasileiro verde e pequenos nordestinos, risonhos e saudáveis, soletrando o abecedário. Um passeio a pé pela cidade calma. Pequenos judeus, árabes e cristãos, brincando de roda em Beirute ou na Palestina.

E os vestibulandos, todos, de um país chamado Brasil, convocados a darem o melhor de si no curso superior que escolheram.

Utopias? Talvez sonhos irrealizáveis de algum poeta menor, mas convicto de que nada vale a pena, se a alma é mesquinha e pequena.